

Tratado da conformidade com a vontade de Deus

Santo Afonso Maria de Ligório

Toda a nossa perfeição consiste em amar ao nosso amabilíssimo Deus. “A caridade é o vínculo da perfeição” (Col 3, 14). E toda a perfeição do amor de Deus consiste em unir a nossa vontade com a sua santíssima vontade. “O principal efeito do amor”, diz S. Dionísio (*De divinis nominibus*, c. 4), “é unir a vontade daqueles que se amam de maneira que se torne uma e a mesma vontade”. Por conseguinte, quanto mais uma pessoa está unida com a vontade divina maior será o seu amor. Penitências, meditações, comunhões e obras de caridade, praticadas para com o nosso próximo, são decerto agradáveis a Deus, mas quando? Quando estas obras são feitas em conformidade com a Sua vontade; mas, quando elas não se praticam pela vontade de Deus, não só lhe são desagradáveis, mas também odiosas e merecedoras unicamente de castigo. Se um amo tivesse dois criados, dos quais um trabalhando todo o dia, mas conforme a sua vontade, e o outro trabalhando à vontade de seu amo, seguramente o amo estimaria mais o segundo do que o primeiro. Como podem nossas ações promover a glória de Deus, senão forem conformes ao seu divino agrado? “O Senhor”, disse o Profeta a Saul, “não deseja sacrifícios, mas obediência à sua vontade: acaso pede o Senhor holocaustos e vítimas, e não obediência à sua vontade?” (1Sm 15, 22-23).

Aquele que trabalha segundo a sua própria vontade, e não conforme a vontade de Deus, comete uma espécie de idolatria, porque em lugar de adorar a vontade divina, adora de alguma maneira a sua própria.

A maior glória, pois, que nós podemos dar a Deus, é cumprir sua bendita vontade em tudo. O nosso Redentor, que desceu dos Céus à Terra para promover a divina glória, cumprindo com a divina vontade, veio principalmente ensinar-nos a assim o praticarmos, pelo seu mesmo exemplo. Escutemo-lo, como São Paulo no-lo descreve, falando ao seu Eterno Pai: “Vós não tendes querido sacrifício nem oblação, porém haveis-me dado um corpo... Então eu disse, eis-me aqui ó Deus, para fazer a vossa vontade” (Hb 10, 5-9). Vós tendes recusado as vítimas que os homens vos têm oferecido, e me ordenastes que sacrificasse o corpo que me haveis dado, eis-me pronto a fazer a vossa vontade. E ele repetidas vezes declara, que não veio fazer a sua vontade, mas sim a de seu Eterno Pai: “Eu desci do Céu, não para fazer a minha vontade, mas sim para cumprir a daquele que me enviou” (Jo 6). E nisto, desejava Ele que o mundo conhecesse o amor que tinha a seu Pai, na sua obediência à sua vontade, a qual era que Ele fosse

crucificado sobre uma cruz para salvação do gênero humano: por isso, quando o Senhor se adiantou a encontrar seus inimigos, no horto de Getsêmani, que vinham para o prender e matar, Ele disse: “Eu me entrego ao seu furor, para que o mundo veja que eu amo a meu Pai: e que cumpro o que meu Pai me tem ordenado: levantai-vos pois e vamos daqui” (Jo 14, 31). E desta maneira, cumprindo com a divina vontade, Ele disse que conhecia quem era seu irmão: “Aquele que fizer a vontade de meu Pai, que está no Céu, esse é meu irmão” (Mt 12, 50).

II

Tem sido sempre este o fim que os Santos todos têm levado em vista: a conformidade com a vontade de Deus, conhecendo muito bem que nisto consistia a pureza da alma. O beato Henrique Suso disse: “Deus não quer que nos abundemos em luzes espirituais, mas sim que em tudo nos conformemos com a sua divina vontade”. E Santa Teresa: “Tudo o que se deve procurar no exercício da oração é a conformidade da nossa vontade com a vontade divina, tendo por certo que nisto consiste a maior perfeição. Aquele que for mais superior nesta prática receberá maiores mercês de Deus, e fará os maiores progressos no caminho da perfeição”. A Beata Estefânia de Soncino, religiosa da Ordem de São Domingos, sendo arrebatada em espírito e levada ao Céu em uma visão, viu algumas pessoas que conhecia e que tinham morrido colocadas entre os serafins, e lhe foi dito que tinham sido exaltadas a tão alto grau de glória, em consequência de sua conformidade com a vontade de Deus, enquanto estiveram sobre a Terra: e o beato Suso, que acima mencionamos, falando de si mesmo, exclama: “Eu antes queria ser o mais vil inseto que se arrasta pela terra, pela vontade de Deus, do que ser um Serafim pela minha vontade. Nós devemos neste mundo aprender dos Santos, que estão no Céu, a maneira de amar a Deus. O amor, puro e perfeito, que os Bem-aventurados no Céu têm para com Deus consiste em uma perfeita união da sua vontade à divina vontade. Se os serafins entendessem ser esta vontade, que eles levantassem montes de areia sobre as praias do mar, por toda a eternidade, ou que arrancassem erva nos jardins, eles o fariam com o maior prazer e gosto. E mais ainda: se Deus lhes dissesse que seriam queimados no fogo do inferno, eles desceriam imediatamente ao abismo, para cumprirem a vontade divina. E é o que Jesus Cristo nos ensina a pedir, que se faça a vontade de Deus na terra, como os Santos o fazem no Céu (Mt 6, 10). Nosso Senhor chama a Davi “um homem segundo o meu coração, porque cumpriu todas as minhas vontades” (At 13, 22).

David sempre estava pronto a abraçar a divina vontade, como ele mesmo declara. “O meu coração está pronto, ó meu Deus, o meu coração está pronto” (Sl 56, 8). E tudo quanto ele pedia ao Senhor, era que lhe ensinasse a cumprir a sua divina vontade: “Ensinai-me a fazer a Vossa Vontade” (Sl 142, 10). Um ato de perfeita uniformidade com a vontade divina basta para constituir um santo. Veja-se São Paulo: no tempo em que era o perseguidor da Igreja, foi iluminado e convertido por Jesus Cristo; e depois, como procedeu? Que disse? Tudo quanto fez foi oferecer-se à divina vontade, dizendo: “Senhor, que quereis Vós que eu faça?” (At 9, 6). E o Senhor lhe declarou que seria um vaso de eleição e o Apóstolo dos gentios (cf. At 9, 15). Aquele que entrega a Deus a sua vontade, entrega-lhe tudo. Quem dá seus bens em esmolas, seu corpo às disciplinas, e seu alimento ao jejum dá uma parte do que possui: mas aquele que entrega a Deus a sua vontade, dá tudo, e pode dizer: “Senhor eu sou pobre, mas eu vos dou tudo quanto possuo, dando-vos a minha vontade, e nada mais tenho que vos dar”.

É isto só que Deus espera de nós: “Filho”, diz Ele a cada um de nós, “dá-me o teu coração” (Pr 23, 26), isto é, a tua vontade; nós, diz Santo Agostinho, não podemos oferecer a Deus coisa mais agradável do que dizer-lhe: “Senhor, tomai posse de nós: nós vos entregamos a nossa vontade, fazei-nos saber o que exigis de nós, e nós o cumprimos”. Se, pois, queremos dar um grande prazer a Deus, devemos conformar-nos com a sua divina vontade; mas não só conformar-nos, porém unirmo-nos aos seus mandados: conformidade que expressa a união da nossa vontade com a vontade de Deus; mas a uniformidade quer dizer mais, quer dizer que a vontade divina e a nossa se tornaram uma só: de maneira que não devemos desejar senão o que Deus deseja e quer. É esta a maior perfeição à qual devemos aspirar: este deve ser o objeto de todas as nossas ações, de todos os nossos desejos, meditações e orações. Para isto devemos pedir o socorro do nosso anjo da guarda e santos, nossos advogados, e, sobretudo, a proteção da Santíssima Mãe de Deus, a qual é a mais perfeita entre todos os Santos, e porque foi quem mais perfeitamente abraçou a vontade divina em todas as ocasiões.

III

O grande ponto, porém, é abraçar a vontade divina em tudo quanto acontece, seja agradável ou desagradável às nossas inclinações. Nas coisas agradáveis, até mesmo os pecadores se conformam com a vontade de Deus, no entanto, os Santos unem-se à vontade divina, mesmo quando são desagradáveis e contra o amor próprio. Nisto se

prova o nosso amor para com Deus. O padre João d'Ávila dizia: “Uma ação de graças no tempo da tribulação vale mais que mil atos de agradecimento no tempo em que tudo prospera para nós”.

Além disso, nós não só devemos unir-nos à divina vontade nas adversidades que diretamente nos vêm de Deus, como a doença, a desolação do espírito, a pobreza e a morte de nossos parentes, mas também nos casos promovidos pelas criaturas, assim como o desprezo, a perda da reputação, a injustiça, os roubos e todas as mais perseguições. Devemos entender, quando sofrermos injúrias na nossa reputação, honra ou bens, que nosso Senhor não deseja o pecado que os outros cometem, mas sim a nossa humilhação, pobreza e mortificação. É certo e de boa fé, que tudo quanto acontece no mundo é por permissão divina: “Eu sou o Senhor, fora de mim não há outro; sou o Senhor que faço todas as coisas” (Is 45, 6-7). Do Senhor nos vem os bens, e também os males, porque estes nos são contrários, mas realmente são para nós bens quando os aceitamos de suas mãos. Diz o profeta Amós: “Haverá mal em alguma cidade, que o Senhor não tenha feito?” (Am 3, 6) e Salomão diz: “O bem e o mal, a vida, a morte, a pobreza e a riqueza de Deus nos provêm” (Eclo 11, 14). É certo, conforme o que eu tenho dito, que quando o homem vos ofende, não é esta ofensa desejada por Deus, nem Ele concorre na malícia de sua vontade, mas concorre pelo concurso geral das ações materiais que vos afligem, envergonham ou injuriam, de maneira que a ofensa recebida é, sem dúvida, permitida por Deus, e vem de sua mão. Assim o Senhor o disse a Davi que Ele seria o autor das injúrias que havia de receber de Absalão: “Levantarei males contra ti, que procederão de tua própria casa; tirar-te-ei tuas mulheres diante de teus olhos, e isto em castigo dos teus pecados” (2Sm 12, 11). Também disse aos hebreus que, em consequência de suas iniquidades, lhes mandaria os assírios para os despojarem e arruinarem: “Ai do assírio, ele é a vara e a espada da minha ira... Eu o mandarei para os despojar” (Is 10, 5-6). Santo Agostinho assim explica isto: a impiedade dos assírios foi a espada de Deus, para castigo dos hebreus. E o mesmo Jesus Cristo disse a São Pedro, que sua morte e paixão não proviria tanto dos homens, como da vontade de seu Eterno Pai: “Não beberei eu o cálice que o Pai me deu?” (Jo 18, 11). Quando o mensageiro (o qual se julga ter sido o diabo) veio dizer a Jó que os sabeus lhe tinham tirado os seus bens e assassinado os seus filhos, que respondeu o santo homem? “O Senhor os deu, e o Senhor os levou” (Jó 21). Ele não disse: “o Senhor deu-me filhos e bens, e os sabeus tudo me tiraram”, mas sim: “o Senhor os deu, o Senhor os levou”; porque ele bem sabia que a sua perda fora permitida pelo Onipotente, e depois acrescentou: “Assim como foi do agrado do

Senhor, assim se fez: bendito seja o nome do Senhor”. Não devemos, portanto, receber nossos infortúnios como da mão do acaso ou da malícia dos homens, mas devemos estar persuadidos que tudo quanto nos acontece é pela vontade de Deus. “Conhececi”, diz Santo Agostinho, “que tudo quanto no mundo vos sucede é pela vontade de Deus, ainda que seja contrário à vossa”.

IV

Epíteto e Atho, dois bem-aventurados mártires de Jesus Cristo, quando sofreram o tormento, queimados com fochos por Ordem do tirano, e dilacerados com ganchos de ferro, disseram somente: “Senhor, seja feita em nós a vossa vontade”. E quando chegaram ao lugar da execução, exclamaram em altas vozes: “Bendito sejais, ó Deus Eterno, porque a vossa vontade se cumpriu amplamente em nós”. Cesário relata (Liv 10, 6) que certo religioso, que ainda que exteriormente não fosse diferente dos demais, tinha, contudo, chegado a um tal grau de santidade que pelo mero toque de seus hábitos curava aqueles que estavam doentes. O Superior, admirado disto, perguntou-lhe como fazia ele estes milagres, não vivendo mais exemplarmente do que os outros: ao que o religioso respondeu que também se admirava, e não sabia a razão disso: “Mas quais são as vossas devoções?”, perguntou-lhe o abade. O bom religioso replicou que poucas eram, ou para melhor dizer, nenhuma, mas que sempre tinha cuidado de entregar a sua vontade à vontade de Deus, e que Nosso Senhor lhe havia concedido a graça de abandonar inteiramente a sua vontade à vontade divina. “A prosperidade não me eleva, nem a adversidade me abate, porque eu tudo recebo como vindo da mão de Deus, e para este fim dirijo todas as minhas preces, para que a sua vontade se cumpra perfeitamente em mim”. O Superior lhe replicou: “Não vos ressentistes vós ontem contra o inimigo, que tanto nos prejudicou, roubando os nossos mantimentos, e lançando fogo em nossa propriedade, destruindo o nosso gado e a nossa seara?”. “Não”, foi a sua resposta, “pelo contrário, dei graças a Deus como costume fazer em iguais desgraças; conhecendo que Deus faz ou permite tudo para a sua maior glória e nosso maior bem; e por esta razão sempre estou contente, suceda o que suceder”. Ouvindo isto o abade, e vendo nele tanta uniformidade com a vontade divina, não se admirou mais de que fizesse milagres. Aquele que assim fizer não só vem a ser um grande Santo, mas goza de uma paz perpétua. Afonso, o grande, rei de Aragão, príncipe dos mais sábios, perguntando-se quem pensava ele que era o homem mais feliz, respondeu: “Aquele que em tudo se conforma com a

divina vontade, e que recebe os bens e os males como se viessem das mãos de Deus”. Àqueles que amam a Deus, todas as coisas concorrem para o bem (Rm 8, 28). Aqueles que amam a Deus vivem sempre satisfeitos, porque todo o seu prazer é cumprir a divina vontade, mesmo nas coisas que lhe são desagradáveis, tanto que as inquietações se mudam em deleites pelo pensamento de que, aceitas voluntariamente, agradam a seu amado Senhor. “Tudo quanto acontecer ao homem justo, o não entristecerá” (Pr 12, 21). E, com efeito, que maior felicidade pode o homem experimentar do que o cumprimento de seus desejos? Então, quando se deseja o que Deus quer, tem cada um tudo quanto deseja, pois que (exceto o pecado) tudo quanto suceder no mundo é pela vontade de Deus. Conta-se, nas vidas dos Padres, que certo lavrador colhia sempre maior quantidade de frutos do que seus vizinhos, e perguntando-se-lhe o motivo, respondeu que não se admirassem porque as estações andavam sempre a seu arbítrio. “Como assim?” disseram os outros; “porque”, respondeu ele, “nunca desejo outro tempo senão aquele que Deus manda, e como eu quero o que Deus quer, Ele também me faz a vontade, dando-me uma boa colheita”. — “As almas resignadas”, diz Salviano, “quando se sentem humilhadas, confessam a sua humilhação; quando são pobres, sofrem voluntariamente a sua pobreza”; em uma palavra, resignam-se a tudo quanto lhes acontece, e por isso são sempre felizes durante a vida. Se chegar o calor, o frio, ou a chuva, aquele que se conforma à vontade do senhor diz: “Eu desejo que haja calor, frio, ou chuva, porque essa é a vontade de Deus”. Se a pobreza, a perseguição ou a doença o afligem, ou a mesma morte, ele dirá: “eu desejo ser pobre, perseguido ou doente, porque esta é a vontade de Deus”. É esta a gloriosa liberdade que os filhos de Deus gozam, a qual vale mais do que todos os reinos e principados deste mundo: esta é a sólida paz que os santos desfrutam, que excede a toda a compreensão (cf. Ef 3, 19). E todos os prazeres sensuais, festas, banquetes, honras e gratificações mundanas são vaidade e caducidade, e, enquanto fascinam e entretém por alguns momentos, afligem o espírito, onde só pode haver a verdadeira felicidade. Aqui, exclamava Salomão, depois de ter esgotado o gozo das delícias do mundo: Mas isto é também vaidade e vexação de espírito (cf. Eclo 4, 16). “O louco”, diz o Espírito Santo, “muda como a lua, mas o homem justo continua em seu juízo, assim como o sol” (Eclo 27,12). O insensato, isto é, o pecador muda como a lua, hoje está no crescente, amanhã no minguante, hoje está alegre, amanhã triste, hoje meigo, amanhã furioso como um tigre: e por quê? Porque a sua felicidade depende da prosperidade e adversidade que ele pode encontrar, e, então, muda conforme as circunstâncias. Mas o homem justo é como o

sol, sempre igual na sua serenidade, sejam os sucessos quais forem; porque a sua felicidade está na conformidade com a vontade divina, e por esta conformidade goza uma inalterável paz. “Paz na terra aos homens de boa vontade” (Lc 2, 14), disse o anjo aos pastores. E quem são estes homens de boa vontade? São aqueles que estão sempre unidos à divina vontade, a qual é sempre soberanamente boa e perfeita. Tal é a boa, aceita e perfeita vontade de Deus (cf. Rom 12, 2). Porque Deus não pode desejar coisa alguma que não seja a melhor e a mais perfeita.

V

Os Santos, por sua uniformidade com a vontade divina, gozavam de um Céu sobre a Terra. Os antigos padres, diz Santa Dorotéia, conservavam em si uma paz constante, porque recebiam tudo como vindo da mão de Deus. Santa Maria Magdalena de Pazzi ao ouvir somente as palavras — “vontade de Deus” —, ficou tão consolada que se extasiou de amor. A adversidade, sem dúvida, causa pena e dor em nossos sentidos, mas isto só tem lugar na parte inferior, porque o espírito, que é a parte superior, deve ser todo tranquilidade e paz, estando a vontade unida à de Deus: “O vosso gozo”, disse o Senhor aos seus Apóstolos, “ninguém vo-lo tirará, e será completo” (João 16, 22).

Aquele que está sempre em uniformidade com a divina vontade, goza de uma paz inteira e perpétua: inteira, porque ele tem tudo quanto deseja, como acima dissemos, perpétua, porque ninguém o pode privar de tanto prazer, assim como ninguém pode obstar ao que Deus quer.

O padre João Taulero — segundo o padre Sangiore (Erar. Tom. 3) e o padre Nieremberg (Vita. Div.) — conta de si mesmo que, tendo por muitas vezes pedido a Deus que lhe ensinasse o caminho da vida espiritual, ouviu um dia uma voz que lhe dizia que fosse a certa igreja, e ali acharia a pessoa que procurava. Ele se dirigiu à dita igreja, e à porta da mesma encontrou um miserável mendigo, descalço e esfarrapado, a quem saudou, dizendo: “Bom dia, irmão”. O pobre lhe respondeu: “Não me lembro de ter passado um só dia mau, senhor”. O padre replicou: “Deus vos dê uma vida feliz”; ao que ele lhe tornou, “Eu nunca fui infeliz”, acrescentando: “Padre, não foi o acaso que me fez responder-vos que nunca tive um dia mau: porque, se tenho fome, louvo a Deus; quando cai neve ou chove, eu o bendigo; se alguém me despreza, me despede ou me aflige, ou se encontro outra qualquer tribulação, dou sempre graças a Deus. Disse-vos que nunca fui infeliz, falei a verdade, pois que me tenho acostumado a conformar-me com a vontade de Deus, sem reserva; assim, tudo quanto me acontece de bem

ou de mal, eu o recebo de suas mãos com alegria, como se fosse a minha melhor sorte, e isto me torna feliz”.

— E se Deus quisesse — disse Taulero — a vossa condenação que haveríeis de dizer?

— Se tal fosse a vontade de Deus — respondeu o pobre —, eu com humildade e amor me abraçaria com Nosso Senhor, e me lançaria de tal modo com Ele que, quando me quisesse precipitar no inferno, o obrigaria a ir ali comigo, e me acharia então mais feliz com Ele no abismo do que gozando das delícias do Céu sem Ele.

— Onde achastes a Deus? — perguntou o padre.

— Achei-o onde deixei as criaturas.

— Quem sois vós?

— Eu sou um rei.

— Onde é o vosso reino?

— Na minha alma, onde conservo a ordem: as minhas paixões obedecem à razão, e a minha razão obedece a Deus.

Por fim, Taulero lhe perguntou o que tinha feito para se adiantar na perfeição. “Guardei silêncio”, respondeu o mendigo: “ser silencioso com os homens em ordem a falar com Deus; e na união que tenho conservado com a vontade de meu Senhor, tenho achado e acho toda a minha paz”. Tal era, em uma palavra, este pobre homem, pela sua uniformidade com a vontade divina: ele na sua pobreza era seguramente mais rico do que todos os monarcas da Terra, e mais feliz em seus padecimentos, que todos os mundanos no gozo de todos os prazeres. Quão grande é a estupidez daquele que resiste à vontade divina! Forçoso é sofrer tribulações, porque ninguém se pode subtrair ao cumprimento dos divinos decretos. Quem resiste à sua vontade? (cf. Rom 9, 19). E sofrê-las-ão sem fruto, e também trarão sobre si maiores castigos na vida futura, e maior ansiedade na presente. Quem jamais lhe resistiu, e obteve paz? (cf. Jó 9, 4). Se o homem enfermo se queixa de suas dores e enfermidades, se o que é pobre lamenta a sua sorte perante Deus, e se enfurece e blasfema, que lhe resulta senão o aumento de suas aflições? “Que procuras tu, ó homem”, diz Santo Agostinho, “quando procuras bens? Procura o único bem, no qual se encerram todos os bens”. Que procuras tu além de Deus? Procura-o, e acha-o; une-te e liga-te a Ele, à sua vontade, e viverás feliz nesta e na outra vida.

VI

Numa palavra, que mais deseja Deus senão o nosso bem? Quem nós acharemos que nos ame mais do que Deus? A sua vontade é não só que

ninguém se perca, mas que todos se façam santos e sejam salvos: “Não querendo que alguém pereça, mas que todos se arrependam” (2Pd 3, 9). A vontade de Deus é a vossa santificação (cf. 1Tes 4, 3). Deus tem colocado a sua própria glória no nosso bem, porque sendo em sua essência infinita bondade, como diz São Leão, e a bondade sendo por natureza desejosa de comunicar-se, Deus tem o soberano desejo de nos fazer participantes de seus bens e felicidade. E se nos manda as tribulações nesta vida, manda-as todas para o nosso bem: “Tudo coopera para bem nosso” (Rm 8, 28). Até mesmo os castigos, dizia Santa Judith, não vêm para nossa ruína, mas para nossa emenda e salvação. Acreditemos, pois, que estes flagelos do Senhor acontecem para nossa emenda, e não para nossa destruição (cf. Jt 8, 27). Nosso Senhor, para nos salvar de eternas penas, cerca-nos com a sua bondade: “Ó Senhor, tu nos tens coroado como com um escudo da tua vontade” (Sl 5, 13). Ele não só deseja, mas solicita o nosso bem: “O Senhor é zeloso em meu benefício” (Sl 39, 18). “E qual será a coisa”, diz S. Paulo, “que Deus nos negará, Ele que nos deu o seu próprio Filho? Ele que não poupou o seu Unigênito, mas que entregou por nós à morte, não nos deu com Ele todas as coisas?” (Rm 8, 32). Com confiança, portanto, devemos resignar-nos aos divinos decretos e determinações, como sendo tudo para nosso bem: “Em paz, na mesma paz dormirei e descansarei porque tu, ó Senhor, me tens seguramente inspirado esperança” (Sl 4, 9). Entreguemo-nos, pois, em suas mãos, porque Ele sem dúvida terá cuidado de nós: “ponde todo o vosso cuidado n'Ele, porque Ele tem cuidado de vós” (1Pd 5, 7). Pensemos, pois, em Deus e no cumprimento de sua santa vontade, para que Ele pense em nós e no nosso bem. “Filha”, disse o Senhor à Santa Catarina de Sena, “pense em mim, para que eu pense sempre em ti”. Digamos frequentemente com a sagrada Esposa: “o meu Amado é para mim, e eu para Ele” (Ct 2, 16). O meu Amado pensa no meu bem, e eu só devo pensar em agradar-Lhe, e unir-me em tudo à sua santa vontade. O santo Abade Nilo disse que não devemos rogar a Deus para conseguirmos o que desejamos, mas sim para que em nós se cumpra a sua santa vontade. E, quando a adversidade nos perseguir, aceitemo-la das mãos de Deus, não só com paciência, mas com alegria, segundo o exemplo dos Apóstolos, que saíram da presença do conselho, alegrando-se de serem dignos de padecer opróbrios pelo nome de Jesus Cristo (At 5, 41). Qual pode ser a maior felicidade da alma do que saber, quando sofre qualquer tribulação, que sofrendo de boa vontade se torna sobretudo agradável a Deus? Os escritores eclesiásticos nos dizem sobre a vida espiritual que — ainda que Deus se apraz com o desejo que algumas almas têm de sofrer por Ele e de Lhe agradar —,

muito mais Lhe é agradável a uniformidade daqueles que nem desejam gozar nem sofrer, mas que inteiramente se resignam à sua santa vontade, desejando somente cumpri-la. Se desejais agradar a Deus e viver feliz no mundo, uni-vos sempre em todas as coisas à vontade divina. Refleti que todos os vossos pecados e a amargura de vossa vida passada têm procedido de vos afastardes da vontade de Deus. Abraçai, pois, daqui em diante, a vontade divina, e dizei sempre em qualquer acontecimento: “Assim seja, meu Pai, porque assim é agradável à tua vista” (Mt 11, 26). Quando vos inquieta algum caso adverso, pensai que vos foi mandado por Deus, e dizei imediatamente: “Mudo fiquei e não abri a boca, porque Vós o tendes feito” (Sl 38, 10). “Senhor, pois que vós assim o fizestes, eu nada digo, e o aceito. A este fim deveis dirigir todos os vossos pensamentos e orações, procurar rogar a Deus na meditação, na comunhão, nas visitas ao Santíssimo Sacramento, para que vos auxilie a cumprir a sua vontade. E até mesmo oferecer-vos a Ele, dizendo: “Ó meu Deus, eu aqui estou: faça-se em mim e em tudo quanto me pertence, o que for mais do vosso agrado”. Era esta uma constante prática de Santa Teresa: esta santa se oferecia a Deus pelo menos cinquenta vezes no dia, para que Ele se dignasse dispor dela, como melhor lhe agradasse.

VII

Feliz de vós amado leitor, se sempre fazeis outro tanto! A santidade será a consequência, e, tendo passado uma ditosa vida, concluirá com uma não menos ditosa morte. Quando se passa desta para outra vida, a esperança concebida pelos que ficam em relação à salvação de quem partiu procede do conhecimento de que ele tenha morrido com resignação. Se abraçamos todas as vicissitudes da vida, inclusive a morte, como vindas da mão de Deus, com submissão à sua vontade, certamente morreremos santos e seremos salvos. Abandonemo-nos, pois, em tudo à boa vontade d'Aquele Senhor, que — sendo o mais sábio, conhece o que melhor nos convém, e sendo o mais amante, pois deu a sua vida por amor a nós — quer também o que é melhor para nós. Fiquemos certos e persuadidos, diz São Basílio, de que Deus procura o nosso bem mais do que nós o podemos procurar ou desejar. Mas prossigamos e consideremos em que coisas nos devemos unir com a divina vontade.

1º. Devemos unir-nos à vontade de Deus nas coisas naturais, como quando faz frio, calor, quando chove, ou em tempo de escassez ou epidemia, e em outros casos iguais. Devemos abster-nos de dizer: “Que

intolerável frio, que horroroso calor! Que desagradável estação!”. Ou fazermos uso de algumas expressões que mostrem a nossa repugnância para com a vontade de Deus. Devemos querer tudo como é, porque Deus de tudo dispõe. São Francisco de Borja, indo uma noite a um convento da sua ordem, enquanto nevava muito, bateu à porta muitas vezes; porém os padres que estavam dormindo não a abriram. Quando amanheceu, muitos deles lastimaram tê-lo feito esperar tanto fora de casa; mas o santo lhes disse “que ele tirará muita consolação durante aquele tempo, pensando que era Deus quem fazia cair os flocos de neve sobre ele”.

2º. Devemos unir-nos à divina vontade, quando padecemos fome, sede, pobreza, desolação e desonra. Em todo o caso, devemos dizer: “Senhor, tu fazes e desfazes, e eu estou contente, desejando unicamente o que tu queres”. E o mesmo devemos dizer, diz Rodriguez, naqueles casos imaginados sugeridos por Satanás, na intenção de nos fazer cair em alguma maldade, ou pelo menos nos inquietar. “Se alguém vos dissesse estas ou aquelas palavras, ou vos fizesse estas ou aquelas ofensas, que diríeis? Que faríeis? Devemos responder: “Eu diria e faria o que Deus quisesse”, e assim nos livraríamos de toda a falta de inquietação.

3º. Se temos algum defeito natural, ou no nosso espírito ou no nosso corpo, como ter pouca memória, inteligência rude, pouca habilidade, falta de algum membro, ou saúde fraca, não nos lastimemos. Pois que merecimento tínhamos para que Deus nos desse uma alma mais sublime, ou um corpo mais bem organizado? Não podia Ele permitir que nascêssemos na classe dos brutos? Não podia Ele deixar-nos no nosso nada? Demos graças ao Senhor por tudo que sua bondade nos tem concedido, e por tudo que faz. Quem sabe, se tendo nós tido maiores talentos, uma perfeita saúde, um corpo extremamente bem organizado, nos teríamos perdido! A quantos a sua ciência e o seu saber tem sido a origem da soberba e do desprezo com que tratam os outros, e por isso causa da sua perdição? Em tal perigo estão outros muitos, que se adiantam nas ciências e nos talentos. A quantos outros a beleza e suas forças têm sido causa de muitos crimes! E, ao contrário, quantos por serem pobres, enfermos e disformes na sua figura, se têm salvado, e sido santos? E quantos se fossem ricos, instruídos e de boa presença, se teriam perdido e condenado? Portanto, contentemo-nos com o que Deus nos tem concedido. Não é necessária a beleza, a saúde, nem um engenho agudo, só é necessária a salvação, disse Jesus Cristo.

4º. Devemos particularmente ser resignados nas enfermidades corporais, e voluntariamente abraçá-las de maneira e pelo tempo que Deus tenha determinado visitar-nos com elas. Devemos tomar remédio, para restaurarmos a saúde, porque tal é a vontade de Deus;

porém, não aproveitando estes, devemos unir-nos à vontade divina, o que nos será de maior vantagem do que a mesma saúde; e devemos dizer em ocasiões tais: “Senhor, eu não desejo a saúde nem a doença, desejo unicamente que a vossa vontade seja feita”. É, sem dúvida, grande virtude não lamentar nossas aflições, durante o tempo da dor ou enfermidade; porém, quando estas pesam sobre nós, não nos é vedado descrevê-las a nossos amigos, nem mesmo rogar a Deus que nos livre delas. Falo daquelas dores ou enfermidades que atacam severamente, pois há muitos que, por serem pouco experimentados no sofrimento, perante a mais leve indisposição ou fadiga, pretendem obter a compaixão de todos. O próprio Jesus Cristo, começando a sua Paixão, deu a conhecer a seus discípulos a sua tribulação: “A minha alma está triste até a morte” (Mt 27, 38). E ele rogou ao seu Eterno Pai que o livrasse dela: “Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice” (Mt 27, 39). Mas o mesmo Jesus nos ensinou que o que devemos fazer depois de tais preces é resignar-nos imediatamente à vontade divina, dizendo: “Não como eu quero, mas como vós quereis”.

VIII

Quão loucos são aqueles que desejam a saúde, não só para não sofrerem, mas para mais poderem servir a Deus, observando as regras, assistindo em comunidade, indo à igreja, recebendo a Sagrada Comunhão, fazendo penitências, trabalhando, ouvindo confissões e pregando! Mas, pergunto eu, por que desejais vós fazer essas coisas? Para agradar a Deus? Para que procurais vós agradar-Lhe nessas coisas, quando conheceis que Lhe não é agradável a prática de vossas ordinárias devoções, comunhões, penitências, estudos ou sermões; mas sim que suporteis com paciência as dores e enfermidades que Ele foi servido mandar-vos? Uni, pois, vossos padecimentos aos de Jesus Cristo. Porém é-me penoso ser inútil e pesado à comunidade. Conformai-vos com a vontade de Deus, e persuadi-vos que vossos superiores estão resignados a ela, vendo que servis de peso à comunidade, é pela vontade de Deus, e não por preguiça vossa. Vossos desejos e mortificações, não procedem do amor de Deus, mas sim do amor próprio, que procura pretextos para se desviar da vontade divina. Se desejarmos agradar a Deus, quando nos acharmos doentes e de cama; basta repetir estas palavras: “Senhor seja feita a vossa vontade”, por cujas palavras agradaremos mais a Deus, que por todas as devoções e mortificações que nos sejam possíveis oferecer-lhe. Não há melhor caminho no serviço de Deus do que aquele que nos conduz a abraçar a sua vontade com alegria. O venerável padre Ávila (Epist. 2,)

escreveu a um sacerdote que estava enfermo: “Amigo, não vos inquieteis com o bem que poderíeis fazer, se estivésseis bom, mas contentai-vos de continuar doente todo o tempo que Deus quiser. Se procurais a vontade de Deus, indiferente vos deve ser o estar mal ou bem de saúde”.

E certamente assim o podia dizer, porque as nossas obras não glorificam a Deus, mas sim a nossa resignação e conformidade à sua santíssima vontade. Daqui diz também S. Francisco de Sales que Deus é mais bem servido por nossos padecimentos do que por nossas fadigas. Em muitas ocasiões os médicos ou os remédios faltam, ou o médico não percebe a moléstia. Em tal caso devemos unir-nos à vontade divina, que tudo isto dispõe para nosso maior bem. Conta-se de um devoto de São Tomás de Cantuária (L. 5. c. 1.) que estando doente fora à sepultura do santo para recuperar a saúde. Melhorou, pois, e voltou ao seu país; porém, pensou, então, consigo mesmo: “Se a minha enfermidade fosse vantajosa para a minha salvação, que uso poderei fazer da saúde?”. Neste pensamento, voltou ao sepulcro do santo, e lhe suplicou que rogasse a Deus para que lhe concedesse o que melhor contribuísse para a sua salvação; depois do que, recaiu com a mesma doença, e ficou perfeitamente satisfeito, persuadindo-se de que Deus o afligia para seu maior bem. Lourenço Súrrio relata o mesmo de um cego, que tinha recobrado a vista pela intercessão de São Vedasto, bispo; mas depois pediu que se a vista lhe não era proveitosa à alma, queria tornar a ser cego; e, tendo feito esta súplica, novamente se achou cego, como antes. Portanto, ou estejamos enfermos ou sãos, não devemos pedir, nem a saúde, nem a moléstia, porém entregarmo-nos inteiramente à divina vontade de Deus, que é quem dispõe de nós como lhe apraz. Mas, se pedirmos a saúde, seja ao menos pedida com resignação e expressa condição de que a saúde do corpo não seja prejudicial à salvação da alma, de outro modo nossa súplica seria defeituosa, e não seria ouvida, porque Deus só ouve aquelas rogativas que são acompanhadas de resignação.

IX

A enfermidade é a pedra de toque da alma, porque a enfermidade e a doença descobrem o caráter da virtude que a alma possui. Se uma pessoa não se desassossega, se não se queixa, se não dá inquietação, se obedece às pessoas que a tratam e a seus superiores, e se está perfeitamente tranquila e resignada à vontade divina, sinais são estes de que possui muita virtude. Mas que diremos daquele doente, que se queixa e diz: que não é bem tratado? Que suas dores são insuportáveis?

Que nada o melhora? Que seu médico é ignorante? E que mesmo algumas vezes se queixa de que a mão de Deus pesa sobre ele? São Boaventura relata, na vida de São Francisco (C. 14.), que o santo, achando-se atacado de extraordinários padecimentos, ouviu de um dos seus religiosos: “Pai, pedi a Deus que vos trate mais benignamente: porque a sua mão carrega demasiado sobre vós”. Ao ouvir isto replicou S. Francisco em alta voz:

“Se eu não soubesse que o que dizeis procede da simplicidade, não vos quereria ver mais, por vos terdes atrevido a repreender os juízos de Deus”. Dizendo isto, posto que fraco e extenuado pelas dores e pela moléstia, lançou-se fora da cama sobre o duro chão, e beijando-o, exclamou: “Mil graças te sejam dadas, ó Senhor, pelo padecimento que me mandaste. Peço-te que me mandes um maior, se essa for a tua divina vontade. Desejo que me aflijas e não me poupes na menor coisa, porque o cumprimento da tua vontade é a maior consolação que posso receber nesta vida”.

Esta conformidade refere-se também à perda de pessoas que promovem o nosso bem temporal e espiritual. Pessoas bastante devotas são muitas vezes culpáveis neste ponto, não se resignando às divinas determinações. A nossa santificação deve proceder de Deus, e não de nossos diretores espirituais. É sua vontade que nos aproveitemos deles para guia da alma, quando no-los dá: porém quando no-los tira devemos conformar-nos, e aumentar nossa confiança na sua bondade, dizendo: “Tu, ó Senhor, me deste este socorro, e agora o tiraste, bendita seja para sempre a tua vontade, porque Tu mesmo suprirás essa falta, e me ensinarás como te devo servir”. Igualmente devemos aceitar das mãos de Deus outra cruz qualquer que Ele se digne enviar-nos. Mas tantos padecimentos, direis vós, são castigos. Eu respondo: “Acaso não são os castigos, que Deus nos envia nesta vida, graças e benefícios? Se o temos ofendido, é necessário satisfazer à divina justiça de algum modo, ou nesta vida ou na futura”. A isto exclamaremos com Santo Agostinho: “Cortai e queimai aqui, ó Senhor, mas poupai-me na outra vida”. E com o Santo Jó: “Seja consolação minha que, afligindo com tristeza, Ele não me poupe” (6, 10). Aquele que tem merecido o inferno deve consolar-se quando Deus o castiga neste mundo, porque isto lhe inspirará a esperança de que Deus o isentará do castigo eterno. Digamos então, quando Deus nos pune, o que dizia o sumo sacerdote Eli: “É o Senhor; faça Ele o que for justo e agradável a seus olhos” (1Sm 3, 18).

Também nos devemos resignar na desolação do espírito. Nosso Senhor, quando uma alma se entrega à vida espiritual costuma socorrê-la com abundantes consolações místicas, em ordem a subtraí-la aos mundanos deleites; porém, vendo-a estabelecida em espírito, retira sua onnipotente mão para obter uma prova do amor que esta alma lhe dedica, e ver se ela o servirá sem a recompensa neste mundo de delícias sensíveis. “Enquanto vivermos no mundo”, diz Santa Teresa, “a nossa vantagem não é tanto em gozar de Deus em si mesmo, como em fazer a sua divina vontade”. E em outra parte, diz: “O amor de Deus não consiste tanto em ternuras espirituais, como em servi-lo com fortaleza e humildade”. E continua: “Deus experimenta aqueles que ama, com securas espirituais e tentações”. Deve, pois, a alma agradecer ao Senhor quando Lhe apraz favorecê-la com doçuras espirituais; mas não afligir-se, nem impacientar-se, quando a entrega à desolação. Devemos especialmente atender a este ponto; porque algumas almas fracas, quando experimentam securas espirituais pensam que Deus as tem abandonado, ou ao menos que a vida espiritual não lhes é própria, e por este motivo descuidam-se da oração e perdem o benéfico resultado do que até ali haviam praticado. Não há melhor ocasião para a conformidade com a vontade de Deus do que o tempo da secura espiritual. Não digo que não seja sensível a perda da divina presença: impossível é que a alma não a sinta, e não a lamente, quando o nosso mesmo Redentor a sentiu e lamentou sobre a cruz : “Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste?” (Mt 27, 46).

Porém, em tão grande aflição, devemos resignar-nos inteiramente com a vontade de Nosso Senhor. Todos os santos sofreram securas e desolação do espírito. “Que dureza de coração eu experimento”, dizia S. Bernardo, “já não gozo na leitura espiritual, nem meditação”. A maior parte dos santos viveu em secura espiritual e sem consolações. Estas, o Senhor não as concede senão raras vezes e talvez aos espíritos mais fracos, para que não parem no caminho espiritual. As delícias da recompensa nos são preparadas por Ele no Céu. Este mundo é o lugar onde as adquirimos pela penitência; o Céu é o lugar da recompensa. Por consequência, os santos não se entregavam ao fervor com deleites, mas sim com penitências. O venerável João d'Ávila dizia: “Ó, quão melhor é estar em secura e tentação com a vontade de Deus, do que em contemplação sem ela!” (Audi. Fil. C. 26).

Mas direis vós: “Se eu soubesse que esta desolação vinha de Deus, ficaria satisfeito; porém, o que me aflige e me perturba é o temor de que proceda das minhas faltas, e que seja um castigo pela minha tibieza”. Pois bem, lançai fora essa tibieza e sede mais diligentes. Mas talvez, porque estais em trevas, vos achais inquietos, vos descuidais da

oração e do exercício espiritual, e assim tornais o mal pior? A secura espiritual pode-vos ter sido mandada como um castigo, como eu tenho dito; mas não vos é ela mandada pelo Altíssimo? Aceitai-a, pois, como um castigo que tendes merecido, e uni-vos à divina vontade. Não dizeis vós que tendes merecido o inferno? Então, por que vos lamentais agora? Acaso mereceis receber consolações de Deus? Ficai, pois, satisfeitos da maneira com que o Senhor quer tratar-vos: continuai vossas devoções e avançai com intrepidez, receando que para o futuro vossos lamentos procedam de falta de humildade e resignação à vontade de Deus. Quando a alma se entrega à oração, não pode derivar dela maior vantagem do que a união com a vontade divina; resignai-vos, pois, e dizei: “Senhor, eu aceito esta tribulação da tua mão, e a aceito pelo tempo que tu quiseres: mesmo quando te fosse agradável que eu permanecesse aflito por toda a eternidade, eu estou satisfeito”. E assim, esta oração, ainda que penosa, vos será mais vantajosa do que as mais suaves consolações.

XI

Mas devemos também persuadir-nos de que a secura espiritual não é sempre um castigo, mas muitas vezes disposição de Deus para nosso maior bem e também para nos conservar humildes. Para que São Paulo se não tornasse vaidoso com as mercês que tinha recebido, permitiu o Senhor que ele fosse molestado com tentações de impureza: “E para que a grandeza das revelações me não exaltasse, me foi dado o estímulo de minha carne, um anjo de Satanás para atormentar-me”. (2Cor 12, 7). Aquele que ora a Deus com espiritual doçura e deleite, bem pouco faz. “É um amigo e companheiro à mesa, mas me deixará no dia de aflição” (Ecl. 6,10). Vós não considerais como verdadeiro amigo aquele que só vier á vossa mesa, e tomar parte em vossos divertimentos; mas sim aquele que vos vem valer nos trabalhos e vos acudir nas tribulações, sem que disso tire vantagem própria. Quando Deus manda a obscuridade e desolação, é para pôr à prova os seus verdadeiros amigos. Paládio, tendo sofrido secura espiritual na oração, foi consultar São Maurício, que lhe disse: “Quando o inimigo vos tentar para que deixeis a oração, dizei-lhe: ‘Eu me satisfaço de aqui ficar pelo amor de Jesus Cristo, e mesmo só para guardar as paredes desta cela’ ”. Tal deve ser a vossa resposta quando fordes tentados a não continuar na oração, porque vos parece que nisso perdeis tempo. Dizei nessas ocasiões: “Aqui estou para agradar a Deus”. S. Francisco de Sales, diz que “se nós nada mais fazemos quando rezamos do que afastar as distrações e tentações, quão bem rezamos!” Taulero também diz que

àquele que, no tempo da secura espiritual, perseverar na oração, Deus concederá maiores graças do que àquele que orar com sensível devoção. O padre Rodriguez diz que certo homem confessava que, pelo espaço de quarenta anos, não tinha experimentado consolação alguma na oração, mas que naqueles dias em que orava se sentia mais forte em virtude, porém, se não orava conforme o costume, sentia-se possuído de tal fraqueza que era inteiramente incapaz de fazer alguma boa obra. São Boaventura e Gerson dizem que muitos que durante a oração não têm a atenção que desejam, servem mais a Deus do que outros que a conservam, porque esta falta os obriga a serem mais diligentes: pois que, se assim não fosse, se poderiam tornar negligentes e soberbos na ideia de que haviam achado o que procuravam. E o que temos dito da secura espiritual, podemos também dizer das tentações; porém, se Deus permite que sejamos tentados, ainda que devemos trabalhar para evitar as tentações, sejam estas contra a pureza, ou contra qualquer virtude, não devemos lastimar-nos, mas também nisto resignar-nos à divina vontade. A São Paulo, quando implorava para ser livre de tentação impura, respondeu o Senhor: “A minha graça te é suficiente” (2Cor 12, 9). E assim, quando Deus não nos concede a graça de vivermos libertos de tentações que nos molestam, digamos: “Senhor, faze e permite o que quiseres; a tua graça me é suficiente; mas dá-me o teu auxílio para que eu não a perca”. Não são as tentações, mas o consentir nelas, que nos priva da divina graça. Quando resistimos às tentações, tornamo-nos mais humildes e adquirimos mais merecimento, o que nos induz a recorrer a Deus com mais frequência, e nós estamos mais longe de o ofendermos, unindo-nos mais intimamente a Ele com o seu santo amor.

XII

Finalmente devemos unir-nos à vontade de Deus no que toca à nossa morte, tanto no tempo, como na maneira que Deus tenha determinado que ela nos chegue. Santa Gertrudes (L. 1. Vita. C. 11) subindo uma vez a um monte, perdeu o equilíbrio e caiu em um vale. Suas companheiras perguntaram-lhe se não temia morrer sem os sacramentos, ao que a Santa respondeu: “Eu tenho grande desejo de morrer com os Sacramentos, porém deixo isso à vontade de Deus, porque a melhor disposição para a morte é voluntariamente submeter-nos ao que Deus tiver determinado; portanto, desejo a morte que o Senhor for servido enviar-me”. São Gregório relata nos seus diálogos (L. 3, C. 27.) que os vândalos, tendo condenado a morte um certo sacerdote chamado Santolo, lhe deixaram a escolha do gênero de morte. O Santo homem

recusou escolher, e disse: “Eu estou nas mãos de Deus, e receberei aquela morte que Ele permitir que vós me deis; não quero outra”. Este ato foi tão agradável ao Senhor que aqueles bárbaros, tendo resolvido degolá-lo, foram surpreendidos com um milagre: no momento da execução, o braço do algoz, ao desferir o golpe, ficou suspenso no ar. Diante de tão grande milagre, aqueles homens lhe concederam a vida. Portanto, quanto ao gênero da morte, devemos considerar como melhor aquele que Deus nos tiver determinado. Digamos sempre, quando pensarmos na morte: “Senhor, salvai a minha alma, e decretai a minha morte como vos aprouver”.

Também devemos unir-nos com a divina vontade quanto ao tempo da nossa morte. O que é este mundo senão uma prisão na qual sofremos e estamos em contínuo risco de perder a Deus? A isto exclamou Davi: “Soltai a minha alma de sua prisão” (Sl 141, 8). Isto fazia Santa Teresa suspirar pela morte. Quando ela ouvia as horas no relógio alegrava-se, e consolava-se porque havia passado uma hora de sua vida; uma hora em perigo de perder a Deus. O padre Ávila dizia que aquele que não está em disposição imprópria para morrer deve desejar a morte, pelo perigo de perder a divina graça durante a vida. Que coisa pode ser mais desejável e mais deleitosa do que assegurarmo-nos, por uma santa morte, da impossibilidade de perder o favor e a graça de Deus? Mas vós dizeis que nada tendes feito e adquirido para a vossa alma. Porém, se Deus quisesse que vós agora morrêsseis, que faríeis depois se tivésseis vivido contra a vontade de Deus? Quem sabe se teríeis aquele feliz fim que esperais? Quem sabe se mudaríeis vossos costumes, se cairíeis em novas culpas e vos perderíeis? E então, se nada fizésseis enquanto vivêsseis, e somente assim, ser-vos-ia possível o não cometer culpas, por leves que fossem. “Por que”, exclama São Bernardo, “por que desejamos nós a vida, a qual quanto mais se prolonga, mais pecaminosa é? E é certo que um único pecado venial desagrade mais a Deus do que lhe agradam todas as obras boas que possamos fazer”.

Eu digo mais, aquele que pouco deseja o Céu, prova que tem pouco amor a Deus. Quem ama deseja a presença do amado; porém, nós não podemos ver a Deus se não deixarmos a terra; e por isso os santos suspiravam pela morte, para poderem ir ver o seu amado Senhor. Assim exclamava Santo Agostinho: “Ó, que possa eu morrer, que possa eu ir ver-te”. Também São Paulo: “Desejava me ver livre do cárcere do corpo e estar com Jesus Cristo” (Fl 1, 23). Igualmente Davi: “Quando irei e aparecerei diante de Deus?” (Sl 41, 3). E assim também dizem todas as almas que amam a Deus. Certo autor refere (Flores. Emil.) (Graul. 4. C. 68) que um cavaleiro indo caçar a um bosque ouviu um homem cantando melodiosamente; parou, e viu um pobre leproso

cheio de chagas. Perguntou-lhe o caçador se era ele quem estava cantando. “Sim”, respondeu o leproso, “era eu”. —“E como podeis vós cantar e estar contente suportando aflições e dores que vos vão gradualmente privando da vida?”. O leproso respondeu: “Entre mim e o Senhor, nada mais há que esta muralha de barro que é o meu corpo; removido este obstáculo, eu gozarei o meu Deus, e, vendo que todos os dias me vai caindo a pedaços, alegro-me e canto”.

XIII

Enfim, também nos graus de graças e glória é preciso termos uma uniformidade com o divino querer: devemos estimar aquelas coisas que pertencem à glória de Deus, mas devemos estimar ainda mais a sua divina vontade; devemos desejar amá-lo mais que os Serafins, mas não devemos desejar maior grau de amor que não seja aquele que o Senhor tem determinado conceder-nos. O padre Ávila diz (Audi. filia. C. 22): “Eu creio que os santos desejariam ser ainda melhores do que foram; porém esses desejos não perturbavam a paz de suas almas, porque eles, se assim o desejavam, não era por motivos de interesse próprio, mas para a glória de Deus, a cujas deliberações se submetiam, ainda que Ele lhes desse menos; estimando como perfeito amor o estarem satisfeitos com o que Deus lhes tinha dado, e não apeteendo mais”. Assim Rodriguez o interpreta (Trat. 8. C. 30): ainda que devamos ser diligentes em aspirar a perfeição até onde possamos chegar, para não servir de escusa à nossa preguiça e tibieza, como alguns fazem, e dizermos: “Deus nos dará isto”; “eu posso fazer só isto”; contudo, quando falhamos neste caminho, não devemos perder a nossa paz de espírito, nem a conformidade com a vontade divina, a qual permitiu nossa falta, humilhar-nos e arrepender-nos; e procurando maior auxílio em Deus, prosseguir nosso caminho. Por este modo, ainda que aspiremos a ser exaltados no Céu ao coro dos serafins, não por certo para termos maior glória, mas sim para a dar a Deus, e amá-lo ainda mais, todavia devemos resignar-nos à sua santa vontade, contentando-nos com aquele grau que a sua misericórdia se digne conceder-nos.

Seria, pois, grande culpa desejar dons de sobrenatural oração e, particularmente, êxtases e revelações. Os mestres da vida espiritual nos ensinam, quando as almas são favorecidas com tais dons, que deveriam orar para serem privadas deles, para poderem amar a Deus pelo puro caminho da fé, que é o mais seguro. Muitos têm chegado à perfeição sem esses sobrenaturais favores; a virtude é bastante para elevar a alma à santidade, e principalmente à uniformidade com a

vontade de Deus. E, se Deus se não apraz de elevar-nos a um sublime grau de graça e glória, devemos conformar-nos à sua santa vontade, pedindo-lhe que, ao menos por sua misericórdia, sejamos salvos. Se assim fizermos, não será pequena a recompensa, que o nosso bom Senhor derramará sobre nós pela sua bondade, porque Ele ama de forma superior todos aqueles que se resignam às suas determinações. Numa palavra, devemos olhar para tudo quanto nos acontecer como vindo das mãos de Deus. E a este fim se devem dirigir todas as nossas ações. Fazer a vontade de Deus; e fazê-la, porque é a sua vontade. E, para assim o observarmos mais seguramente, devemos deixar-nos guiar por nossos diretores, quanto ao interior, para melhor conhecermos a vontade de Deus a nosso respeito, tendo grande confiança nestas palavras de Jesus Cristo: “Aquele que vos ouve, a mim ouve” (Lc 10, 16). E, sobretudo, devemos ser cuidadosos de servir a Deus por aquele caminho que Ele quer que o sirvamos. Digo isto para evitar a ilusão de muitos que se entretêm com a ideia de que estão perdendo o seu tempo, e dizem: “Se eu estivesse em um deserto, se entrasse em um mosteiro, se eu estivesse em qualquer outro lugar que não fosse este, distante de parentes e companheiros, viria a ser santo; praticaria estas ou aquelas mortificações, e me entregaria todo à oração”. Eles dizem: “eu faria, eu faria”, e, no entanto, suportando involuntariamente a cruz que Deus lhes tem dado, não caminhando pela vereda que o Senhor lhes tem mostrado, não só não se tornam santos, mas fazem-se maus, péssimos. Estes desejos são muitas vezes tentações do Diabo; porque não são conformes com a vontade de Deus; e devemos por isso rejeitá-los, e tomar ânimo para servirmos a Deus no caminho que Ele nos tem escolhido. Fazendo assim, viremos a ser santos, em qualquer estado de vida em que o Senhor nos tenha colocado. Queiramos, pois, sempre o que Deus quer, e fazendo assim Ele nos abraçará em seu seio. Para este fim, familiarizemo-nos com certas passagens da Escritura que nos chamam a unir-nos em todo o tempo com a divina vontade: “Senhor, que queres tu que eu faça? Dize-me, ó Deus, o que queres de mim, e eu cumprirei a tua vontade em todas as coisas, eu sou teu, salva-me” (Sl 118, 94). Já não sou de mim mesmo, mas teu, ó Senhor, faze de mim o que for do teu agrado. Particularmente quando alguma pesada adversidade nos oprime, a morte dos parentes ou amigos, ou a perda de bens ou de reputação, digamos: “Sim, meu Pai, sim, meu Deus, porque assim vos é agradável”; “Sim, meu Pai e meu Senhor, assim seja feito, porque assim te agrada” (Mt 11, 26). E, sobretudo, seja-nos preciosa aquela oração que Jesus Cristo nos ensinou: “Seja feita a tua vontade assim na terra como no Céu”. Nosso Senhor disse a Santa Catarina de Gênova que, todas as

vezes que recitasse o *Pai Nosso*, ela se demorasse particularmente nestas palavras, rogando-lhe que ela pudesse cumprir na terra a sua santíssima vontade, com a mesma perfeição com que os Bem-aventurados a cumprem no Céu. Façamos, pois, da mesma forma e seremos santos no Céu.